

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



DIREITA VOLVER: a necessária reelaboração do conceito de movimentos sociais a partir das lutas sociais travadas no Brasil na segunda década dos anos 2000

Cristiana Costa Lima¹

Franklin Douglas Ferreira²

RESUMO

Reflexão acerca da categoria movimentos sociais, no contexto das movimentações sociais em curso no início dos anos 2000 no mundo e, particularmente, no Brasil. A partir de revisão bibliográfica sobre o tema dos movimentos sociais, no contexto da tradição marxista, traz à análise científica os fatos e movimentações iniciadas em 2013, metamorfoseados em 2015, e que assumem um caráter conservador, em 2016, e, por fim, reacionário, a partir de 2018, no Brasil sob a liderança de Jair Bolsonaro. Enfrenta o debate das movimentações das classes a fim de posicionar-se no campo da concepção que não tem o movimento social como uma expressão apenas das lutas dos campos das esquerdas. Por fim, aponta que essa retomada do debate sobre os movimentos sociais é necessária para o campo que resiste à consolidação do projeto societal que tensiona a humanidade à barbárie.

Palavras-chave: Movimento social. Movimentos Sociais. Lutas sociais.

ABSTRACT

Reflection on the social movements category, in the context of the ongoing social movements in the early 2000s in the world and, particularly, in Brazil. Based on a bibliographical review on the subject of social movements, in the context of the Marxist tradition, it brings to scientific analysis the facts and movements that started in 2013, metamorphosed in 2015, and which assume a conservative character in 2016 and, finally, reactionary, starting in 2018, in Brazil under the leadership of Jair Bolsonaro. It faces the debate of class movements in order to position itself in the field of conception that does not have the social movement as an expression only of the struggles of the left field. Finally, it points out that this resumption of the debate on social movements is necessary for the field that resists the consolidation of the societal project that pushes humanity towards barbarism.

Keywords: Social movement. Social movements. Social struggles.

¹ Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Doutora em Políticas Públicas. E-mail: cristiana.lima@ufma.br

² Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Doutor em Políticas Públicas. E-mail: franklin.ufma@gmail.com

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

1 INTRODUÇÃO

Não temos um espectro do comunismo rodando a Europa e o mundo atualmente. Se há um fantasma a solta nos quatro cantos do planeta, trata-se a versão contemporânea do projeto fascista que, embora derrotado desde a II Guerra Mundial, manteve-se submerso até o momento de retomar fortemente à cena política. Trump nos Estados Unidos e outros líderes que ascenderam na Europa e América Latina evidenciam um espírito do tempo em que estamos profundamente tensionados para o projeto societal que leva a humanidade à barbárie.

Nesse contexto, mais do que nunca faz-se necessário retomar os estudos e pesquisas que nos deixem seguramente informados de qual seja situação concreta da correlação de forças na sociedade e na luta sociais em curso, nos seus diversos espaços de construção de hegemonia. Nesse particular, o uso de categorias que possam dar conta da realidade requer confirmar a precisão da análise que almeja realizar. Especialmente a categoria dos movimentos sociais que ganhou, marcadamente após o Maio de 1968, como expressão de novos movimentos sociais emancipatórios, precisa ser repensada a partir de bases concretas da realidade concreta que temos.

A movimentação das ruas e das redes sociais no mundo e, particularmente, no Brasil após o golpe da direita em 2016, evidenciam que temos movimentos sociais de esquerda e movimentos sociais de direita/extrema-direita organizados e engajados na luta por seus projetos de sociedade. Romantizar os movimentos sociais ou tomá-los como monopólio do projeto emancipador não pode ser um erro a ser repetido pela classe que assuem para si o projeto de humanidade abandonado pela burguesia após sua chegada ao poder ideopolítico e econômico após as Revoluções Francesa e Industrial.

Este trabalho debruça-se sobre essa temática. Utiliza-se de revisão bibliográfica sobre o tema dos movimentos sociais, no contexto da tradição marxista, e traz à análise científica os fatos e movimentações iniciadas em 2013, metamorfoseados em 2015, e que assumem um caráter conservador, em 2016, e, por fim, reacionário, a partir de 2018, no Brasil sob a liderança de Jair Bolsonaro.

Mais do que respostas às preocupações que emergiram desse período, a busca de colocar as perguntas corretas para o debate a ser travado é o que almeja esta reflexão, no intuito de contribuir para o pensamento crítico que mantém acesa a luz do projeto emancipador que somente a classe trabalhadora pode instaurar.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

2 A EMERGÊNCIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS COMO EXPRESSÃO DAS LUTAS SOCIAIS POR PROJETOS SOCIETAIS ANTAGÔNICOS

Desde a Revolução de 1917, quando emergem diversas pautas até, então, silenciadas no plano global, e coloca em cena um sujeito social novo e em movimento pela sociedade emancipada, há uma ascensão de um conjunto de movimentos sociais que passam a sonhar com uma nova saída para a barbárie que se instaurava pela sociedade capitalista. Lá, estão as raízes de movimentos feministas, de trabalhadores, de socialistas por um outro modo de produção, de visão internacionalista.

O fantasma do comunismo que rondava o mundo assustou a burguesia mundial, que reagiu com políticas de enfrentamento à questão social via estratégica como o *welfare state*, para evitar que amplos setores da massa trabalhadora caíssem no encanto da sociedade socialista e, também, como guerra quente e fria, nesse processo. O desenvolvimento histórico dessas alternativas acabam gerando um mundo polarizado entre essas duas vias, mas também marcado crescentemente pelo totalitarismo – à direita e à esquerda. Esse processo implicou em reações e denúncia dos dois polos: o Maio de 1968 foi o berço do afloramento dessa perspectiva. É dele que derivam elaborações que tomaram corpo, seja como uma “nova esquerda”, seja como movimentos que negam a própria esquerda e a via dos partidos. Segundo Scherer-Warren (1987, p. 29),

[...] a emergência dos novos movimentos sociais relaciona-se à criação de um outro tipo de ‘utopismo’ ainda nos anos 60, situado em valores culturais que questionavam tanto do modelo industrializante das sociedades capitalistas quanto a “falta de demora política” no chamado “socialismo real”. Expressam um inconformismo com os rumos das lutas pela emancipação humana, frustrados com os resultados dos modelos societários vigentes no panorama mundial.

Se na Europa o movimento estudantil é a ponta de lança desse movimento, e, de certa maneira, também na América Latina, há contudo, na região, movimentos sociais que se expressam com aspectos específicos. Maria da Glória Gohn (1997) situa este debate justamente colocando que determinadas escolas teóricas buscaram compreender essa realidade encaixando-a em paradigmas externos a ela. “Falar de um paradigma teórico latino-americano sobre os movimentos sociais é mais uma colocação estratégica do que real”, dirá Gohn (1997, p. 211).

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Por isso, em dado momento, as concepções europeias foram “importadas” e os estudos norte-americanos rejeitados: a primeira mais pelo viés crítico que efetivamente inovador na compreensão do processo latino-americano; o segundo, pela automática vinculação que se fazia com a perspectiva imperialista dos Estados Unidos sobre o continente. Por isso mesmo, o que se tem são caminhos que estão sendo feitos ao caminhar, como que descobrindo a si próprio nesse processo.

Desta forma, Maria da Glória Gohn (1997) aponta especificidades a serem percebidas, e não por exato, um paradigma. Nestas especificidades, a autora ressalta várias, dentre as quais registramos:

(1) a múltipla diversidade de movimentos (com especial destaque para o Brasil, por seu tamanho e nível de industrialização);

(2) a influência e o financiamento pela Igreja Católica (sobretudo nos momentos de enfrentamento com as ditaduras militares na região);

(3) a pauta prioritária voltada para os direitos econômicos básicos à sobrevivência (diferente dos movimentos norte-americanos ou europeus, cuja pauta se volta à luta por direitos civis);

(4) a relação com o Estado (variável conforme a estratégia e tática desses movimentos – ora de ataque ao Estado (no caso das ditaduras), ora de aproximação). No Brasil, por exemplo, a relação de ataque ao Estado persistiu durante o enfrentamento à Ditadura Militar (1964-1985) e transformou-se, junto a esses movimentos sociais, a partir de dois momentos-chave: a chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) às Prefeituras de São Paulo, com Luiza Erundina, e Porto Alegre, com Olívio Dutra – entre 1988 e 1992; e à Presidência da República, com Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff – entre 2003 e 2016. Nos demais países da região latina, esse movimento foi evidente em países como Venezuela, com a chegada de Hugo Chaves ao poder, Evo Morales, na Bolívia, Rafael Correa, no Equador, dentre outros;

(5) a relação com os partidos políticos (especialmente os de esquerda);

(6) a ideologia utópica presente (distante da perspectiva do fim da História e do discurso da vitória do capitalismo como única alternativa);

(7) a questão racial (que na América do Norte é explícita e trará movimentos de forte reivindicação por direitos civis, enquanto na América Latina – Brasil, particularmente – será camuflado pelo mito do embranquecimento);

PROMOÇÃO



APOIO



(8) a questão agrária (que na América Latina intensificará uma luta conflituosa no campo, em todo o continente, dado o modelo de latifúndio que se implantou);

(9) a questão indígena (que nos Estados Unidos foi praticamente dizimada, na América Latina será forte espaço de aglutinação, a exemplo de Bolívia, México), com notável reorganização dos povos originários também no Brasil dos anos 2000;

(10) a relação com os intelectuais (o engajamento político da reflexão dos intelectuais, mormente nas Ciências Sociais) que será uma marca do desenvolvimento desses movimentos na América Latina. E, particularmente aos anos 2000, com maior ênfase, a visibilidade das lutas (11) contra o machismo, reconfigurando a luta e a organização das mulheres – no campo e na cidade –, (12) a luta anti-LGBTfóbica, conduzida pelo movimento LGBTQUIAP+.

Essas especificidades emergem pelo pano de fundo que as unifica: o desenvolvimento histórico da região. Marcado pelo mandonismo, coronelismo, patrimonialismo, clientelismo, por ditaduras militares, por subordinação das elites nacionais aos interesses do capital estrangeiro, sob uma condição subordinada, dependente e periférica aos interesses dessa capital transnacional.

Na reflexão de Francisco de Oliveira (1999), o caso brasileiro é significativo dessa lógica latina. Revisitando estudiosos da formação brasileira, OLIVEIRA (1999) registrará (1) Gilberto Freire – a estrutura escravista, (2) Sérgio Buarque de Holanda – o homem dócil, (3) Caio Prado Júnior – explicação não está na docilidade, mas no sistema colonial e no atraso escravista, (4) Machado de Assis – a linguagem retórica revelando a desfaçatez da elite e (5) Florestan Fernandes – a implantação de hegemonia do modo de produção feita pela burguesia sem ruptura revolucionária – para concluir que: “todo o esforço de democratização, de criação de uma esfera pública, de fazer política, enfim, no Brasil, decorreu, quase por inteiro, da ação das classes dominadas” (OLIVEIRA, 1999, p. 60). E exemplifica: em 60 anos de experiência democrática, o Brasil teve 35 anos de ditadura – a de Getúlio Vargas, de 1930 a 1945, e a dos Militares, de 1964 a 1985 (OLIVEIRA, 2005).³

Neste sentido, o movimento sindical, entre a greve do ABC no fim dos anos 1970 e a resistência ao neoliberalismo, nos anos 1990, foi responsável pela ampliação dos espaços

³ Atualizado para 2023, a elaboração de Francisco de Oliveira seria assim: em 77 anos de experiência democrática, o Brasil teve 36 anos de ditaduras - a de Getúlio Vargas, de 24 de outubro de 1930 a 29 de outubro de 1945 (O Estado Novo, particularmente, vigorou entre 1937 e 1945), e a dos Militares, de 1º de abril de 1964 a 15 de março de 1985.

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



públicos e democráticos do país (OLIVEIRA, 2005, p. 137). Foi definitivo na condução da ação anti-hegemônica no período militar – anos 1960/1970 – e na resistência à implantação do projeto neoliberal – anos 1980/1990.

O sociólogo ressalta que para esta ação, ante uma ampla massa operária certamente desconhecida de seu papel no processo produtivo, foi decisiva a relação estabelecida com o anarcosindicalismo, no início dos anos 1930, a influência do Partido Comunista Brasileiro (PCB) – anos 1950/1960, sobretudo – e, especialmente, o novo sindicalismo do ABC paulista e sua intrínseca ligação com o Partido dos Trabalhadores (PT). Esta influência orientou o movimento operário na resistência à Ditadura Militar, a ser a ponta de lança da deslegitimação do “milagre econômico” brasileiro, ao questionamento da política econômica vigente (“deixar o bolo crescer para depois reparti-lo”) e que, em consequência, levaria à abertura democrática.

Este operariado também será determinante nos anos 1980/1990 para retardar a inserção do Brasil no ajuste estrutural neoliberal, construído a partir dos termos do “Consenso de Washington”, pelas potências do capitalismo avançado, como receituário, para resolver a crise do capital.

Perry Anderson (apud OLIVEIRA, 2005, p. 150) definirá o neoliberalismo como uma ampla e profunda vitória da ideologia conservadora e um desastre econômico. Este é o cenário que se verá na América Latina, especialmente Chile (anos 1970-80), Peru e Argentina (anos 1980-1990). Oliveira (2005) destacará que, no Brasil, esta resistência somente será debelada pela mais ampla coalização conservadora já vista no País, em torno do governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002).

Ante esse cenário, Francisco de Oliveira (2005) destacará a emergência de um movimento camponês como nova ponta de lança de resistência da classe trabalhadora, o Movimento dos Sem-Terra (MST). István Mészáros (2002) lembrará que a lógica do capital subsume a do capitalismo. Nos tempos de mundialização, a reestruturação produtiva do capital traz consigo a reconfiguração das forças produtivas. Os movimentos contestatórios à ordem vigente, nesta contemporaneidade, traz-nos a emergência de movimentos como o MST e outros movimentos anticapitalistas.

No Brasil, são estes sujeitos permanentemente “silenciados”, ocultados, que forçaram a construção de uma radicalização democrática. E que, no tocante à constituição da esfera pública no País, será construída mediante um processo excludente.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Nestes termos, o sentido que Francisco de Oliveira (1999) atribui a “fazer política” é o de o sujeito (classes dominadas) se impor, o que se traduz na possibilidade de ter direito à fala, a um discurso, a um corpo que lhe foi roubado da esfera pública: “anulação da fala e, através dela, a destruição da política, a fabricação de um consenso imposto” (OLIVEIRA, 1999, p. 80) é o principal mecanismo do objetivo da classe dominante.

Assim, os movimentos sociais clássicos ou tradicionais – ligados às lutas das classes vinculadas à contradição capital x trabalho –, passam a ser tensionados pela discussão de “novos movimentos sociais”: “[...] os chamados ‘Novos Movimentos Sociais’ surgem ora como *complemento*, ora como *alternativa*, aos movimentos de classe tradicionais e aos partidos políticos de esquerda, inspirados em diversos processo revolucionários e em variadas revoltas” (MONTAÑO, DURIGUETTO, 2010, p. 264), e emergem no contexto de ascensão da crise de paradigmas pós-queda do Muro de Berlim, em 1989. Negando os movimentos sociais anteriormente existentes e passando a rotular-se como expressão das lutas que passam a ter novas configurações.

Assim, concordando com a caracterização elaborada por Carlos Montaño e Maria Lúcia Duriguetto (2010, p. 264): “O *Movimento Social*, dentre outras determinações, é conformado pelos próprios sujeitos portadores de certa identidade/necessidade/reivindicação/pertencimento de classe, que se mobilizam por respostas ou para enfrentar tais questões – o movimento social constitui-se pelos próprios envolvidos diretamente na questão [...]”. E, mais do que isso, a partir da elaboração de Josefa Batista Lopes, avançamos no debate se concebermos “o movimento social como expressão das relações sociais objetivas e subjetivas, determinadas pelas relações entre estrutura e superestrutura no movimento real da totalidade social concreta de um determinado período histórico” (LOPES, 1999, p. 10).

O movimento da sociedade concreta, com suas lutas concretas, é a base sob a qual emergem os movimentos sociais organizados ou de massa, que se dividem em dois tipos: (i) movimentos sociais tradicionais estruturais e (ii) movimentos sociais emergentes, conjunturais, expressão da explosão social – que podem tanto se dissolver quanto vir a tornarem-se também estruturais. Movimentos sociais estruturais ou conjunturais que emergem da relação existente no movimento da estrutura e da superestrutura da sociedade.

Nessa concepção, temos um dado de realidade a anotar e ampliar no debate dos movimentos sociais: eles expressam tanto a movimentação dos sujeitos sociais em luta por

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



um projeto emancipador quanto em luta pela manutenção do *status quo* ou, ainda, em luta por um conservadorismo reacionário. Eis o surgimento das manifestações de 2013 e 2015 e seus desdobramentos.

2.1 Hay el lado derecho al otro lado del río

Um fantasma parecia rondar o Brasil em meados de junho de 2013: o espectro da reinvenção da política. Contra ela, praticamente todas as forças também parecia unirem-se: conservadores, partidos da velha política, juristas do direito positivo, parlamentares acomodados às benesses da governabilidade conservadora, propiciada pela democracia representativa... esta, definitivamente em crise.

Se as manifestações de Junho de 2013 trouxeram às ruas uma multidão reivindicando políticas públicas de transporte, saúde e educação, o 15 de março de 2015 só teve uma bandeira: a luta contra a corrupção. E nela, também seus extremistas, os dos cartazes pela “Volta à Ditadura Militar”, “Pelo fim do STF”. Junto a essa bandeira, um objetivo descompromissado com a ordem constitucional: o impeachment de Dilma. Nada de reforma política do sistema. Nada que colocasse em questão o “rouba, mas faz”.

Do início da República até hoje, a máxima “rouba, mas faz!” se legitimou na prática política brasileira. A novidade, no início de segundo governo de Dilma Rousseff (PT) era que, frente a uma avalanche de denúncias do caso “Petrolão”, e não cumprindo as promessas de campanha – ao contrário, em seus primeiros dias de “novo” governo, praticou as ações cuja autoria atribuíra a seu adversário, Aécio Neves (PSDB) –, qualquer um sentiu-se autorizado a combater a corrupção do governo que “rouba e não faz”, desde que não mexesse com seus próprios interesses.

Eis o caso das manifestações de 15 de março de 2015, na avenida Paulista, no calçadão carioca, na avenida Litorânea, em São Luís. Elas foram a resultante do lulo-pragmatismo do PT no governo, pois: (1) o PT perdeu o que já não tinha, a “velha classe média”; (2) o lulismo começou a perder o que quase tinha, a “nova classe média”; (3), em 13 anos de “poder”, o pragmatismo petista conseguiu desarticular a

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



agenda econômica anti-neoliberal sustentada pela esquerda e reorganizar as bases da projeto neoliberal da direita; e (4) o lulo-pragmatismo do governo do PT não enfrentou o monopólio da mídia. E acuada, restou-lhe assistir à Rede Globo reforçar a convocação às manifestações, ao longo de toda sua programação daquele domingo, de 15 de março de 2015.

Em 2005, após o escândalo do Mensalão, Lula deu a volta por cima e se reelegeu sob a legitimidade do “deixou roubar, posto que nada sabia, mas fez!”. Tinha a seu favor excelentes condições econômicas internacionais. Não parece ser a situação mais provável para Dilma. Nesse cenário, a verdadeira saída estava longe da receita do governo e distante da proposta da direita conservadora. Nas ruas, as pelas bandeiras certas seriam o “Basta de corrupção”, “Não ao ajuste neoliberal” e “Reforma política democrática já”. Nada disso prevaleceu.

A segunda onda das manifestações de rua, potencializada pela autoconvocação das redes, assumiu um caráter conservador de tal magnitude que propiciou às forças políticas conservadoras presentes no Congresso Nacional pautar projetos e iniciativas que enfrentaram pouca resistência na sociedade, afora exemplos pontuais, como o foi o projeto das terceirizações. O freio de mão nessa na perspectiva golpista do impeachment não veio das ruas por seu contraponto político, mas das próprias lideranças tucanas que se fortalecem com essas manifestações de rua, na opção pragmática de “sangrar Dilma e seu governo”, para derrotá-la, em 2018, e não entregar agora o governo ao PMDB. Mas, no meio do caminho havia uma pedra...

2.1.1 Havia uma pedra (bolsonarista) no meio do caminho (da direita conservadora)

As manifestações de 2015, financiadas pela direita conservadora, reúnem um esboço de novo bloco histórico da direita rumo à retomada do governo federal: igrejas evangélicas retrógradas, especialmente as de cunho neopentecostal, setores conservadores da Igreja Católica, agronegócio em suas múltiplas vertentes – afora a fração contemplada no governo petista –, empresariado do grande capital nacional, setores militares, protomilícias associadas à extrema direita, o “centrão” parlamentar existente no país, juventude e amplos

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

setores das massas desiludidas pela situação econômica em curso, amplos setores trabalhadores sem emprego, intelectuais e juristas até de setores progressistas, o capital financeiro e a grande mídia.

Acresce-se a esse processo a emergência das redes sociais como instrumento de mobilização da juventude e amplos setores sociais: inicialmente no Facebook, em seguida, por diversos mecanismos de compartilhamento de mensagens, que levariam, notadamente em 2018, a mais alto grau de fakenews já visto distribuídas via plataformas como WhatsApp e Telegram.

Uma velha nova direita retomou o palco das mobilizações de rua no Brasil do integralismo dos anos 1930 às marchas pela família, nos anos 1960, a retomada das mobilizações populares conservadoras-reacionárias reestabelecem uma definitiva conclusão de que a categoria movimentos sociais relacionadas tão somente aos movimentos progressistas e de esquerda não se sustenta mais na realidade. A romantização dos movimentos sociais, novos movimentos sociais, movimento populares, como portadores do projeto emancipador, como monopólio da esquerda, fez com que amplos setores ativistas e intelectuais enxergassem o óbvio: as ruas (e agora, também, as redes) não são somente das esquerdas. Evidenciam as lutas sociais travadas e, mais do que nunca, a permanência das lutas das classes em disputa, numa verdadeira guerra de posição, como nos ensina Gramsci, na busca pela implementação de seus projetos de sociedade.

O golpe da direita, consumado via golpe parlamentar-judicial-midiático em 2016, leva Michel Temer ao Governo Federal, trazendo consigo uma gama de reformas ultraneoliberais, desmontando o pacto social estabelecido durante a Constituinte de 1988. A aposta da direita de que esse cenário levaria à vitória eleitoral de um candidato autenticamente de suas hostes foi fragorosamente derrotada. A extrema-direita, até então, motivo de chacota, tomou das ruas o sentimento antipetista para si, uniu às bandeiras que amalgamavam o bloco histórico do golpe de 2018 numa plataforma de um verdadeiro brasifascismo (ou de uma fascismo à brasileira): o slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” sintetizou a agenda neoliberal e conservadora-reacionária que tomara para si o Palácio do Planalto, com as ideias abertamente defendidas na campanha em torno de valores misóginos, racistas, LGBTfóbicos, anti ambientais, de massacre aos povos originários, voltado aos interesses do capital financeiro e transnacional, subalterno à influência das diretrizes do governo Trump nos

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Estados Unidos, desarticulador as parcerias com países da região latina que não reforçassem o ideário da extrema-direita em ascensão no mundo e, agora, também no Brasil.

Os movimentos sociais de direita que, lá atrás seduziram amplas camadas das massas populares pelo combate à corrupção, metamorfoseiam-se em movimento social da extrema-direita pelo combate à esquerda, qualquer que seja ela, e ao custo de qualquer contradição que pudesse colocar em xeque suas proposições e utopia fascista na defensiva.

Temos, então, a batalha das ideias travadas claramente entre movimentos sociais conservadores-reacionários e movimentos sociais progressistas. Eis “a novidade” trazida pelos anos 20 do século XXI à luta social brasileira, mas também, no mundo todo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação contemporânea da movimentação social brasileira impõe a retomada das pesquisas e estudos sobre o movimento social. Retomar Antonio Gramsci, particularmente defendemos, é o melhor caminho para a (re)elaboração da análise de tradição marxista que objetive entender o estágio da luta de classes atualmente. Especialmente clássicos da produção científica marxiana, a exemplo de Luta de Classes na França, mantêm-se atuais em sua metodologia para que busquemos identificar as movimentações em curso e seus sujeitos protagonistas.

A reflexão intelectual crítica, pois, tem o dever de analisar a situação concreta da realidade concreta posta em movimento na nossa realidade. Sem isso, corremos o risco de mirar nos elementos errados e que, ao invés de fortalecer a luta pela sociedade justa e igualitária, nos empurre cada vez mais para a barbárie. E, agora, como algo que emerge como se “a voz do povo” fosse...

REFERÊNCIAS

GONH, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997

OLIVEIRA, Francisco. **Privatização do público, destituição da fala e anulação da política: o totalitarismo neoliberal**. In OLIVEIRA, Francisco; PAOLI, Maria Célia. Os sentidos da Democracia. Petrópolis: Vozes, 1999.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



_____, Francisco. Quem canta de novo L'Internazionale? In SANTOS, Boaventura (org). **Trabalhar o mundo. Os caminhos do novo internacionalismo operário**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LOPES, Josefa Batista. **O Serviço Social na América Latina: nas malhas da modernização conservadora e do projeto alternativo de sociedade**. 2001. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

MONTAÑO, Carlos. DURIGUETTO, M. L. **Estado, Classe e Movimento Social**. 1. Ed – São Paulo: Cortez, 2010 (Biblioteca básica de Serviço Social; v. 5).

SCHERER-WARREN, L. **Movimentos sociais – um ensaio de interpretação sociológica**. São Paulo: Loyola, 1989.

PROMOÇÃO



APOIO

